



DOSSIÊ

Literatura Contemporânea

organizado por

Aurora Gedra Ruiz Alvarez

APRESENTAÇÃO

■ **A** Literatura contemporânea é seara fértil para as diversas experimentações, especialmente no tocante ao gênero, conforme os colaboradores deste dossiê nos expõem em seus artigos: quer discutindo o gênero autobiográfico, ampliado, aqui, em retrato de uma geração, quer mediante outro modo de composição do romance de fundação, construído sob novas relações entre as raízes míticas de uma sociedade e os tempos modernos, quer se centrando na narrativa de cunho ontológico, apreendendo o drama existencial do homem moderno a partir de situações aparentemente corriqueiras, quer, ainda, analisando o gênero dramático do final do século XX e início do século XXI, que aponta para o novo papel do dramaturgo e do ator no teatro.

Do conjunto de trabalhos aqui reunidos, no instigante artigo “Uma nova forma de autobiografia”, Sandra Nitrini nos apresenta Annie Ernaux, uma escritora pouco conhecida no Brasil, embora bastante prestigiada pela crítica literária europeia que reconhece o caráter inovador de sua obra. No exame acurado da textualidade, a estudiosa nos revela a originalidade da escrita da artista francesa, que produz uma narrativa autobiográfica que não se filia à concepção canônica desse gênero, nem mesmo se ajusta ao rótulo “literatura”, de acordo com o entendimento da própria escritora. Essa nova forma de narrativa que, ao mesmo tempo em que fala de si, traveste a subjetividade e constrói a imagem do coletivo – condensado na geração nascida nos anos 1940 –, também desvela uma lucidez criadora, orientada por um projeto de escritura que introduz um novo viés da narrativa autobiográfica, que, em Ernaux, pretende ser, antes de tudo, “histórica e etnológica”.

A proposta de Darlan Roberto Santos e Jacques Fux é a de examinar algumas produções da literatura brasileira contemporânea, provando que, muitas dessas obras, como *O senhor do lado esquerdo*, de Alberto Mussa, resistem às classificações mais correntes, dado o seu caráter multifacetado e revolucionário. Na análise, os pesquisadores fazem considerações relevantes acerca da composição desse romance, que, ao mesmo tempo em que explora as injunções histórico-sociais inscritas na sociedade carioca do século XX – localizando 1913 como o epicentro da trama policial desenvolvida na narrativa –, recua no tempo, até os idos do século XVI, marco fundador da cidade, para descobrir, em outras histórias, as raízes do cenário urbano moderno. Fundamentados no exame desses dados, concluem os autores que essa obra não converge para o núcleo de narrativas contemporâneas que se estruturam sob a égide apenas da temática

universal urbana, mas bebe das águas dos romances de fundação por via inversa, isto é, não parte do passado para saber como era *ab origine* e adiantar-se até o presente; ao contrário, este se apresenta como uma leitura atualizada dos mitos inaugurais, ficcionalizados na dicotomia em que a cidade do Rio de Janeiro é construída.

Privilegiando a narrativa de temática ontológica, Rauer Ribeiro Rodrigues e Waleska Rodrigues Martins, no artigo “Entre Eros e Tântatos, brevidade: a presença da morte em Luiz Vilela”, conduzem o seu leitor por uma densa e proveitosa exposição acerca da oposição, ou melhor, da complementaridade como eles mesmos propõem, entre vida versus morte, princípio do prazer versus princípio da realidade, fundamentado em um aparato teórico consistente que oferece relevante suporte à análise do conto “Um peixe”, de Luiz Vilela. A clareza e o raciocínio analítico empenham-se, com muita felicidade, na tarefa de perscrutar os sentidos diluídos nas camadas profundas da narrativa que conta muito além do que uma história de pescador; com agudeza, os articulistas captam a questão ontológica do homem cindido entre, por um lado, a ilusão, a utopia, a euforia e, por outro, a realidade, a desistência, a disforia. Nesse cotejo entre realidades conflitantes e coexistentes, os pesquisadores revelam-nos outra face da literatura brasileira do século XXI, representada pelo discurso enxuto de Vilela, que oculta, por trás de uma narrativa do cotidiano, a problemática do homem fragmentado, sem defesas diante do pragmatismo do outro e do esvaziamento interior de si mesmo.

Fora do âmbito da literatura, em “Denise Stoklos – o dramaturgo pensador e a *mimesis* da produção”, os articulistas retomam o debate, sempre atual, que se vincula à dicotomia “teatro comercial” versus “teatro enquanto expressão de arte”. Apoiados em Eric Bentley, examinam as repercussões dessas formas de expressão dramática no leitor/espectador e mostram-nos que o primeiro tipo de teatro visa apenas a atender à expectativa de entretenimento, evento marcado pelo efêmero, enquanto que o segundo é duradouro, por interpelar o público e dele cobrar um posicionamento diante da matéria de que a peça se constitui. Desse ponto da análise, as considerações de Pedro Leites Junior e Lourdes Kaminski Alves conduzem-nos à revisão do conceito da *catarsis* aristotélica e, na sequência, à leitura que Luiz Costa Lima faz da *mimesis*. Fundamentados nestas últimas reflexões, os autores, de modo penetrante, aproximam o seu foco do teatro de Denise Stoklos, para examiná-lo enquanto *mimesis* de produção, na medida em que as peças dela releem o cânone, questionam-no, reatualizam-no e apontam para uma nova forma de fazer teatro, o que implica um novo olhar sobre o texto teatral e sobre o papel desenvolvido pelo dramaturgo e pelo ator/*performer*.

Nos trabalhos deste dossiê, o leitor encontrará diferentes vertentes da Literatura e do Teatro contemporâneos, que têm em comum a proposta de um fazer inovador, representado ou por uma nova forma de narrativa autobiográfica, que antes exhibe o coletivo que a subjetividade, ou por um novo viés do romance de fundação, que se constitui de modo reverso dentro desse gênero, ou por captar a densidade da questão ontológica em uma cena trivial da vida, ou por conceber um novo teatro, portador de novos papéis para a atuação do dramaturgo, do ator e do receptor.